

“NÃO ME JULGUE, ME ESCUTE! ”: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA DE ALUNOS DO EJA III NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL MOREIRA LEITE

Tatiana Olegário da Silva ¹
Tatiane Rodrigues da Costa ²
Clarisse Alves de Oliveira ³
Ana Cristina de Sales ⁴

RESUMO

Objetivamos no texto fazer uma reflexão a partir da narrativa de vida de três alunos da turma do EJA III, na Escola de Ensino Fundamental Moreira Leite, localizada no município de Crato, Sul do Ceará. Como fonte utilizamos uma atividade desenvolvida na aula de estágio supervisionado, na qual discutíamos sobre fontes, fatos, e sujeitos históricos. Na atividade os discentes tiveram a oportunidade de narrar fragmentos que consideraram marcantes em suas trajetórias de vida. Através da abordagem qualitativa, percebemos nos escritos dos estudantes um universo de significados, valores e atitudes não reduzidas à operacionalização de variáveis. A leitura das fontes nos indicaram que os momentos elucidados pelos educandos, diziam respeito a memórias traumáticas ligadas a prática do bullying, o desprezo da família e a tristeza pela morte dos pais. Diante disso, a pesquisa nos possibilitou compreender a importância da história de vida na busca de aproximar a relação professor x aluno, bem como, do conteúdo trabalhado com a realidade de cada um.

Palavras-chave: história de vida, memória, história, escola.

INTRODUÇÃO

É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar (Paulo Freire).

O professor parte da realidade do estudante para aplicar seus métodos e, conseqüentemente, fazer com que os mesmos se identifiquem com a disciplina, afim de que, aqueles conteúdos não se tornem algo distante e enfadonho de ser estudado, desse modo, o educador aproxima não apenas o conteúdo do estudante, mas possibilita uma aproximação com a vida e a realidade de cada um.

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, tatianaolegario12@gmail.com;

² Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, tatyrocosta.17@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, clarice.allves@gmail.com;

⁴ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora que acompanhou a disciplina de Estágio Supervisionado na Universidade Regional do Cariri-URCA, a partir da experiência destacada no texto. anasalesprof@gmail.com.

Partindo desse pressuposto, faremos uma reflexão a partir de uma aula de estágio supervisionado realizada na sala do EJA III, na Escola de Ensino Fundamental Moreira Leite⁵, localizada no município do Crato, Sul do Ceará. Na ocasião, após ser discutido com a classe conceitos como, fontes, fatos, e sujeitos históricos, enfatizamos que cada estudante é um sujeito histórico principalmente dos acontecimentos que ocorrem em sua cidade e em seu cotidiano, desmistificando a ideia que só os grandes nomes da historiografia merecem destaque nos livros de história, nesta aula, colocamos em evidência a importância das histórias de vida dos menos favorecidos e das histórias de vida dos alunos, como sujeitos ativos e atuantes na sociedade. Destarte, após uma breve discussão teórica sobre esses conceitos, sugerimos que os alunos descrevessem algo que marcou sua trajetória. Utilizando assim, a metodologia da história de vida, um campo profícuo e relevante para entendermos os possíveis nexos entre as experiências de vida e os percursos trilhados na sala de aula, no âmbito familiar e no convívio social.

História de vida – entrelaçando memórias

A história de vida é uma metodologia que consiste no relato de alguém sobre suas próprias experiências, estando assim atrelada a história oral pelo fato de dá voz aquelas histórias consideradas por muito tempo “não oficial” ou “sem credibilidade”, dando ênfase ao relato, as memórias e as experiências dos narradores.

A história de vida possibilita o contato direto com as narrativas, e com quem está narrando, esse tipo de metodologia possibilita quem está na área da educação uma aproximação maior com os estudantes, visto que, quando um aluno narra sua história, revela momentos únicos, e que tem grande importância enquanto protagonista de sua história, aproximando assim professor/aluno, pesquisador/sujeito, “[...] um movimento que nasce no universo pedagógico, numa amalgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores” (NÓVOA, 2007, p. 19).

A história de vida nos possibilita tornar o estudante sujeito de sua própria história, a partir do que ele escolhe narrar, de sua versão do vivido, das subjetividades e sensibilidades no modo de conduzir a narrativa.

Esta pesquisa se desenvolve de forma qualitativa, deste modo, destacamos a importância de estar no espaço, analisar as falas dos sujeitos, discutir o contexto social que os narradores estão inseridos. Concordamos com Minayo, quando destaca:

⁵ Para preservar o nome da Escola onde aconteceu a experiência de estágio foi adotado nome fictício.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21).

Partindo desse universo de significados, e, afim de obter respostas e compreender as relações e acontecimentos extra sala de aula, coletamos dezoito histórias de vida de alunos cuja faixa etária variam de 15 a 16 anos, o que nos chamou bastante atenção, com relação as histórias relatadas foi o fato da maioria delas estarem atreladas a perda de familiares, violência e/ou traumas de infância, sendo que, em nenhum relato, foi considerado uma história de vida em que o educando optasse por escrever algo que o deixasse feliz.

Nesse sentido, escolhemos para tratar no trabalho, três relatos que serão abordados como Narrador 1, Narrador 2 e Narrador 3. Destacamos que os dois primeiros são órfãos e o terceiro relatou que sofreu racismo em uma escola que estudou anteriormente. Analisando esses relatos, buscamos entender como essas memórias traumáticas influenciam no rendimento escolar desses estudantes, e de que forma a aula de história pôde contribuir para que eles se sentissem à vontade para relatar seus traumas. Colocando em ênfase o conceito de afetividade como fio condutor para boa relação professor/aluno.

Percebemos que ao pedir que os alunos relatem algo marcante de suas vidas, fazemos com que eles se sintam únicos. Logo, adentramos em sua subjetividade, que por vezes parece ser algo complexo, mas que muitas vezes eles querem que alguém que os olhem como únicos, que não generalizem, que entendam seus pontos vulneráveis, que os escute, que os respeite e que respeite sua história particular, livre de pré-julgamentos ou culpa. Esse método da história de vida, aproxima o educando do educador, quebrando uma ideia arcaica na qual o professor estar em sala de aula apenas para repassar os conteúdos e que a vida externa dos educandos pouco importa.

Ao descrever determinada memória, seja ela traumática ou não, o estudante está rememorando, de uma certa forma revivendo em sua mente o que ocorreu, o ato de lembrar, e escrever essas memórias traz à tona o que por algum tempo foi esquecido, e que de certa forma ainda machuca.

Cicatrizes da alma: traumas de infância e sua interferência na aprendizagem.

A escola dos sonhos dos sonhadores, da poesia dos poetas, da maternidade, da luta dos lutadores começa com a crença de que, em que se falando de vida – e como educação é vida -, a solução está no afeto (Gabriel Chalita).

Muitas vezes, ao entrarmos em sala enquanto professores, nos deparamos com infinitos desafios a serem cumpridos ao longo dos cinquenta minutos de aula, são exercícios para corrigir, conteúdos para revisar, frequência, tudo isso faz com que o tempo passe rápido, geralmente a pressa nos domina e acabamos por não prestar atenção no que realmente importa, as diferenças individuais dos estudantes.

Vygotsky (1994), ao destacar a relevância das interações sociais, deixa clara a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, expondo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um processo de interação entre as pessoas. Sendo assim, essa interação professor/ aluno, contribui nos resultados escolares dos educandos.

É comum, fazermos juízos de valor de imediato quando entramos na sala, muitas vezes tachada como a pior classe da escola, onde os alunos não querem nada da vida. Tudo que o professor quer é que aqueles estudantes se calem e tentem absorver o conteúdo da forma mais simples possível, esses pré-julgamentos nos afasta desses educandos.

Portanto, temos que entender que o problema não é o educando, e sim, o seu comportamento, alunos com dificuldade de aprendizagem, nos quais encontramos muito na turma de EJA, desmotivados, com autoestima baixa, que querem chamar atenção a todo custo, geralmente apresentam problemas emocionais e sociais que em uma ou duas aulas corridas tornam-se quase imperceptíveis.

Chamamos atenção para a importância da afetividade, o professor deve observar os detalhes e os motivos pelos quais aquele ou aquela educando(a) tem determinado comportamento. Segundo Piaget (1976, p. 16) o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência.

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Sendo assim, sem afeto, o estudante que já se considera excluído por fazer parte de uma série que não condiz com sua idade, que já passa por vários problemas em casa, que os desmotiva, tende cada vez mais a sentir repulsa pela aula e pelo ambiente escolar, mas quando o professor olha para o aluno, como um ser único, cheio de sonhos e totalmente capaz de realizá-los, faz com que o mesmo tenha motivações e predisposição para aprender e seguir em frente.

Dessa forma, uma maneira de reverter essa situação é através do diálogo, como aborda Paulo Freire, esse diálogo entre professor/aluno é importante para a construção do sujeito, um

fenômeno capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres. Para entendermos melhor essa prática, Freire:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Assim, para além de um diálogo educador/educando, é preciso que haja sensibilidade de ambas as partes, para que enquanto professores possamos entender os motivos pelos quais aquele aluno age daquela forma, e eles enquanto alunos tenham segurança ao falar seus problemas sem medo de serem julgados. É preciso uma cumplicidade mútua, quando o professor se dispõe a ouvir o estudante ele passa de professor a educador, de transmissor do conhecimento a mediador, levando o aluno a refletir sobre sua vida, o contexto social em que está inserido, tornando-o um ser ativo, capaz de mudar sua realidade.

Percebemos a enorme carência não apenas afetiva, mas um bloqueio para aprendizagem na aula de história, na turma do EJA III estudada, destacamos que a escola se encontra localizada em um bairro considerado de risco e que parte do público alvo vive em situações de vulnerabilidade social.

Para minimizar essa situação, procuramos conhecer melhor a vida desses estudantes, levando em conta que, quando se conhece o estudante, podemos adequar os conteúdos a realidade destes, tornando os conteúdos mais atrativos, considerando que os adolescentes aprendem primeiramente no contato com seus mediadores, interação social e empatia mútua

[...] os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento (TASSONI, 2008, p. 207-208).

Portanto, ao introduzirmos o capítulo sobre fontes histórias e sujeitos históricos, pedimos para que eles relatassem fatos históricos de suas vidas, justamente com o intuito de possibilitar a aproximação professor/aluno, afim de que eles tenham uma maior identificação com o tema abordado. O resultado da atividade foi provocativo, pela intensidade que eles colocaram nos relatos e a forma como descreveram esses fatos, narrador 3⁶:

“O fato que marcou muito minha vida.
Foi[...] uma coisa muito ruim mais ao mesmo tempo foi uma coisa muito boa. Eu estudei em uma escola diferente, com os alunos bem racistas, quando eu fui

⁶ Nomeamos os narradores de 1, 2 e 3.

matriculado naquela escola eu não sabia de exatamente nada. Logo quando eu entrei já fui sendo chamado de negrinho. Eu fui diretamente a direção, falei tudo para a diretora mas ela falou que não era verdade e que os alunos dela eram muito exemplares e que era impossível eles falarem isso comigo.

Também eu não dei mais uma palavra, fui na sala de aula, peguei minha mochila e fui embora, daí vim para a Escola de Ensino Fundamental Moreira Leite, fui muito bem acolhido agora posso dizer que a minha vida mudou completamente.”

Todos os dias alunos sofrem algum tipo de violência no ambiente escolar, e o preconceito ocorre em todas as dependências, tais atitudes trazem consequências negativas, principalmente para a vítima, afetando diretamente sua formação emocional, educacional e psicológica. Allport (1954: 9) define assim o preconceito racial, que ele chama de “étnico”:

“O preconceito étnico é uma antipatia baseada em uma generalização errônea e inflexível. Pode ser sentida ou expressa; dirigida a um grupo com um todo ou a indivíduo pelo fato dele ser parte desse grupo”.

Esse preconceito dificulta a permanência do educando no ambiente escolar, visto que, são práticas discriminatórias motivadoras de exclusão. A partir desse relato, podemos perceber que esse adolescente já chegou na atual escola, com uma memória traumática pelo que ocorreu anteriormente e marcou sua vida negativamente.

Mesmo que o narrador 3 tenha sido bem acolhido, os efeitos do racismo e das brincadeiras de mau gosto que ele sofreu, perpetua-se até hoje. Pois, foi a primeira coisa que veio em sua mente quando se trata de fatos marcantes. Observamos então, uma necessidade constante de ser escutado: “ Eu fui diretamente a direção, falei tudo para a diretora mas ela falou que não era verdade e que os alunos dela eram muito exemplares e que era impossível eles falarem isso comigo”. Como podemos notar, houve uma negação por parte da gestora da escola, para um adolescente que sofreu psicologicamente as consequências do racismo, foi ignorado por quem deveria ter acolhido, provocando danos ao seu psicológico a ponto do aluno deixar a escola em questão.

Deste modo, além de fazer parte de um grupo marginalizado, as consequências do que eles sofrem influenciam diretamente no processo de aprendizagem, ao chegar na escola, o educando que já vem com o emocional abalado necessita de alguém que o acolha e o aceite. (ANDRÉ, p.33-34) destaca

Os alunos que não desenvolvem um processo de aprendizagem efetiva não é porque façam parte de um grupo marginado socialmente. Não aprendem, muitas das vezes, porque, além das consequências de pertencerem a estes grupos, também estão mais suscetíveis a atravessar conflitos emocionais que podem influenciar em tal aprendizagem escolar. Sendo assim, ainda que pareça “incoerente” numa primeira proposição, a afetividade pode se apresentar como uma grande ferramenta no combate ao racismo ainda vivido em muitas escolas.

Compreendemos então que, para que obtenhamos uma boa relação com nossos educandos, é necessário que haja afetividade, para ajudarmos mesmo que seja com uma palavra, gesto ou atitude, existe a necessidade de enxergar aquele adolescente para além do que ele demonstra ser em sala de aula.

Costumamos ver os estudantes felizes, aparentemente de bem com a vida, mas sem uma aproximação afetiva jamais saberemos o que se passa na vida deles, o que os aflige, seus problemas pessoais, familiares, como foi o passado deles, se os mesmos têm pelo menos o mínimo necessário para sobreviver, e o mais importante, se esses adolescentes tem uma base familiar que os acolha. Se não tem, eles buscam esse acolhimento na escola, nos colegas, nos professores. Caso contrário o que eles fazem para amenizar suas dores e traumas internos?

Não pretendemos responder tal pergunta, mas cabe essa indagação a ponto de reflexão. o mundo está ficando cada vez mais doente, psicologicamente falando, e os adolescentes estão mais suscetíveis a isso, sobretudo, pelo pela fase em que vivem, podendo contribuir assim para que diante todas as indecisões da fase, eles se tornem mais dispersos, levando em conta o turbilhão de emoções, tudo pode afetar o emocional desses adolescentes se não houver uma base familiar sólida, e alguém que possa os instruir, não será algo anormal, nos deparamos com jovens tentando suicídio, ou com práticas de automutilação. Freitas:

Alguns estudos apontam que o ato de automutilar-se, geralmente tem início durante a fase da adolescência, entre os 13 e 14 anos e com a possibilidade de persistir por 10 a 15 anos. A prevalência e/ou persistência desse comportamento pode estar relacionado a vários fatores determinantes como por uso da automutilação como instrumento de extinguir e/ou reprimir estados cognitivos e emocionais indesejados; para geral um estado emocional desejável; por busca de atenção e de baixo auto estima e por fugir de alguma responsabilidade (FREITAS, 2017, p.162)

Essa prática ocorre frequentemente até mesmo na escola, deste modo, devemos analisar o que leva esse educando fazer isso, principalmente o educador que convive todos os dias com eles observar tais atitudes, comportamentos e motivos que levam o educando lesionar seu próprio corpo. Na agitação da sociedade, falta tempo para tudo, inclusive para olhar o outro enquanto ser humano, colocar em prática o conceito de empatia, e dispor-se a ajudar.

É importante que os professores que acolham os problemas de seus educandos, visto que, muitas vezes eles não aparentam ter, como é o caso da Narradora 2, citada no início deste trabalho.

Hoje vou falar um fato que marcou minha a minha história, na verdade ocorreram vários fatos durante esses quinze anos, e alguns deles foram coisas que marcaram, que jamais esquecerei, quando pequena tive de aceitar o fato de minha mãe, e meu pai, não me aceitar, isso me incomoda bastante pois por conta disso tive que passar três anos em um abrigo, isso hoje em dia me marcou por que não sei o que fiz para eles não me aceitarem, sai do abrigo, fui adotada por minha madrinha, morei com ela até os meus 10 anos, de lá pra cá passei por muitas coisas, coisas terríveis, que por conta

de ter depressão pós traumática, não quero citá-las, outra coisa que me marcou foi ter arranjado um garoto, tipo, sei que foi cedo demais, mas ele me ajudou bastante, me ajudou a superar o que passei na infância, sim, sei que tenho muita coisa pra viver, tô na fase de adolescência, e muitas coisas ainda irã de vim, me considero uma pessoa muito feliz apesar de tudo que aconteceu, perdi meus pais e nem sei o motivo, hoje me mutilo, já tentei me matar várias vezes, mas vida que segue um dia sei que serei uma grande psicóloga, tenho certeza que esse fato marcará a minha vida.

Como podemos perceber, as memórias traumáticas influenciam diretamente no processo de ensino aprendizagem, se esses jovens não tem um acompanhamento psicológico adequado, as memórias traumáticas tornam-se difíceis de ser superadas. Beatriz Sarlo, esclarece “propor não lembrar é como se propor não perceber, um cheiro por que a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada” (2007,p.10). Sendo assim, as memórias continuam ecoando em cada cheiro, objeto, espaço e em absolutamente tudo que os façam lembrar do vivido, de forma tão tensa, dolorosa e muitas vezes repressora. Esses traumas influenciam diretamente em algumas decisões que os alunos tomam no presente. A maneira que os adolescentes encontram de amenizar sua dor, é provocando lesões corporais ou, até mesmo em último caso, a tentativa de suicídio.

Conforme o historiador italiano Paolo Rossi (2010, p. 56) “a memória tem relação não só com o passado, mas também com a identidade e com o futuro” devemos portanto, não procurarmos culpados em sala de aula, mas estabelecer laços com a finalidade entendermos os traumas que podem ser minimizados ou com menos prejuízos na formação escolar.

Outrora costumavam atribuir aos educandos toda a culpa por seu fracasso escolar, no entanto, hoje se reconhece que para que haja uma aprendizagem significava tem que haver vários fatores contribuído para isso, tanto fatores situacionais, como interpessoais.

Assim, o contexto e o convívio social em que o educando está inserido, contribui no seu processo de aprendizagem. A partir do relato, sentimos como a ausência da família faz com que o educando sintase perdido, angustiado, desprotegido e por conta do abandono familiar, o educando desencadeou uma série de problemas emocionais. Segundo Kaloustian (1988, p.22)

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando. E a família propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes.

Se o estudante não tem um suporte familiar, seu lado emocional e afetivo fica comprometido, encontrando na escola uma válvula de escape para problemas externos. O papel não apenas do educador, mas também da escola é atuar em conjunto com a família.

Portanto, a escola tem suas obrigações perante o educando, mas a família cumpre papel de extrema importância, se esta não está presente provoca no aluno um sentimento de

negligência, falta de interesse com relação ao seu processo de aprendizagem, assim, temos que separar os papéis, por mais que o adolescente chegue cheio de problemas, a escola pode ajudar, porém jamais poderá substituir o papel da família. Parolin

Destaco que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é ímpar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função da escola na vida do adolescente é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos (PAROLIN, 2008, p.01).

As piores experiências pessoais que mais impactam os estudantes estão associadas a família, tudo que ocorre de bom ou de ruim no seio familiar repercute de forma positiva ou negativa na sala de aula, como é o caso do narrador 1 que destaca.

No passado eu tinha muitas coisas que me faziam ser alegre, mas depois que meus pais faleceram eu fiquei triste por muito tempo. Fui morar mais minha tia até hoje vivo com muitas coisas misturadas, tristes e alegres, no mesmo tempo tenho sete irmãos e hoje eles são tudo junto e de maior de idade, um já foi preso mais já saiu, eu sou o único de menor, sou caçula, dos irmãos eu sou que não consigo me erguer do dia que vi meus pais morrerem, morávamos tudo no juazeiro era tudo bom, mais depois de tudo isso eu fiquei triste, mas estou vivendo com tudo isso, eu moro no Crato no São Miguel, sou um rapaz direito, ajudo minha família, o Crato é um lugar bom, eu tenho muitos amigos, eles são como irmãos pra mim. Eu sou muito grato por tudo que minha tia me deu e hoje eu estou estudando por que antes eu não estudava e eu gosto muito de tudo que eu tenho na minha vida.

Os últimos relatos destacados nos chocam por percebermos a ausência da estrutura familiar, a forma pontuada pelos narradores nos surpreendem pelos detalhes, transparecendo o quanto essas memórias os atormentam. Concordamos com Martim (2015) que “percebe-se que as palavras são o auxílio para superar o indizível”.

No caso do narrador 1, observamos que, quando ele destaca: “Eu sou muito grato por tudo que minha tia me deu e hoje eu estou estudando por que antes eu não estudava e eu gosto muito de tudo que eu tenho na minha vida”. Ele ressalta que gosta muito de estudar, pelo fato de até então não ter estudado, deixando claro a importância que ele dá para a escola, porém dentro de sala de aula, percebíamos que ele era um dos que mais faziam barulho, conversava, e a todo momento tentava criar situações que pudessem nos chamar atenção.

Mas, como pode haver essas vicissitudes entre o que eles relatam e suas atitudes? Ao percebermos o comportamento do educando em sala, observamos que sempre que pedíamos para o mesmo fazer alguma atividade ou realizar algum trabalho escolar, ele respondia sem restrição. Entendemos que muitas vezes seu comportamento negativo era uma forma de chamar atenção, demonstrando que ele não estava bem, que seu dia não foi bom, e que o mesmo precisava de alguém que o enxergasse para além do que estava tentando demonstrar.

Não podemos deixar de levar em conta o contexto social em que está inserido, ele tem sete irmãos, que também vivem em condições problemáticas, já foram presos, mas que atualmente não convivem com ele. Além de ter perdido os pais muito jovem. Uma frase nos chamou atenção: “sou um rapaz direito, ajudo minha família”, essas palavras legitimam o fato de que ele não pretende passar pelo mesmo que seus irmãos, em meio a inúmeras dificuldades ver na escola uma maneira de mudar sua atual situação.

Não podemos esquecer que por mais conturbada que seja a vida desses jovens, eles têm sonhos, almejam uma vida melhor. E o professor tem que estar preparado, para quando eles pensarem em desistir, insistir e principalmente motivá-los, “[...]os vínculos construídos através da palavra, do diálogo, da prática de ouvir, observar o mundo ao redor e o indivíduo, do afeto e do respeito, constituem o fato mais significativo na prática educativa” (GONZALEZ, 2006, p. 45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que diante todos os relatos apresentados pelos estudantes e mediante a complexidade de cada caso, o professor assume um papel de extrema importância em sala de aula. Desse modo, enfatizamos a relevância de olhar o aluno para além da sala de aula, observar os detalhes, e sobretudo, mais que ensinar, formar cidadãos aptos a encarar os desafios do mundo contemporâneo, mesmo diante as dificuldades, levando-os a perceber que por mais conturbada que a vida seja, desistir não é o caminho.

Com isso, nosso propósito enquanto educadores é ultrapassar os muros da escola e transformar vidas, pois a partir do momento que desistimos desse objetivo, nossa profissão não faz sentido.

REFERÊNCIAS

- Allport, G.W. (1954). The nature of prejudice. Massachussets: Addison-Wesley.
- ANDRÉ, Bianka Pires. Racismo e des-afetividade no cotidiano escolar. Agenda social.
- CHALITA, Gabriel. A solução esta no afeto – 1ª Ed. São Paulo: Editora Gente, 2004
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Elidiane Queiroz das Mercês Revista Ciência (In) Cena. On-line ISSN 2317-0816 Vol. 1 No. 5 Salvador. Bahia. 2017.

- GONZALEZ, Alberto Brusa. Experiências socioeducativas bem-sucedidas: subsídios para a discussão de políticas públicas nas unidades de internação socioeducativas (UISE). In: ILANUD et al. (Orgs.). Justiça, adolescente e ato infracional. São Paulo: ILANUD, 2006.
- KALOUSTIAN, S. M. (org.) Família Brasileira, a Base de Tudo. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.
- MARTIN, Catiussa. O outro através de mim: memória, narrativa, e trauma em El olvido que seremos, de Héctor Abad Faciolince.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 9-29.
- NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In.: _____ (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 11-30.
- PAROLIN, Isabel. Relação Família e Escola: Revista atividades e experiências. Positivo, 2008
- PIAGET, Jean. A construção do real na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007
- TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2000a. Disponível em: < <http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>> Acesso em: 10 out. 2016.